



Sheroanawe Hakihiiwe, *Urihi theri*, 2021. © Bruno Lopes.

ARTE & CULTURA

Urihi theri: Sheroanawe Hakihiiwe na Kunsthalle Lissabon

👤 [Maira Botelho](#)

Depois de visitar a exposição *Urihi theri*, do artista yanomami Sheroanawe Hakihiiwe, uma questão se fez gigante: como abordar a arte indígena? Não é a mesma situação de fazer uma crítica a um artista de um Estado-nação, seja este europeu ou sul-americano. A disparidade de cosmovisão cria um abismo cognitivo e é necessário reconhecê-lo e nomeá-lo para evitar a ameaça do exotismo e da projeção de paradigmas estéticos colonizadores. A minha apreensão está profundamente incrustada por modos de valorização “dos brancos”, a forma como eu reconheço e valorizo um objeto artístico não é a mesma forma da dos ameríndios. Por isso identifico a necessidade da escuta e também da imaginação para poder abordar um corpo de trabalho que entrelaça o que circunscrevemos como esfera estética com outras esferas: econômica, social, religiosa e política. Hakihiiwe expõe esta compreensão em um [vídeo](#) para Para Site, um espaço de arte contemporânea em Hong Kong:

“Na minha comunidade localizada na selva, as mulheres fazem e pintam as cestas e os homens fazem e pintam as flechas. Celebramos e dançamos ao pintar nossos corpos com pigmentos naturais de plantas e animais. Pintamos nossos corpos com linhas, pontos, animais, vermes, borboletas e outros desenhos de insetos. Tanto adultos quanto crianças pintam seus corpos e isso nos deixa feliz. O trabalho que faço nestes papéis está intimamente relacionado com todo o universo que conheço com Uriji (a selva) que vejo quando saio para a selva acompanhado por pessoas da comunidade e da família. [...] Também conheço os animais e as plantas, seus rastros e como se movem na selva. O Shapori (xamãs) fala comigo e me conta sobre as coisas. Os animais falam por meio dos xamãs. O espírito nos ajuda. Isto é muito importante. Minha mãe me ensinou muito e me falou sobre nossos costumes e nossa cultura. Tudo o que vi ou ouvi, penso nisso tudo na minha cabeça. Eu faço meu trabalho com todo esse conhecimento e experiência.”

A fala do artista nos ajuda a criar um imaginário referente a modos de existência e de produção de sentido distantes da nossa sociedade e a apreciar as suas pinturas com um olhar dilatado. A exposição *Urihi theri* (o lugar da selva), na Kunsthalle Lissabon, apresenta dez pinturas de Hakihiiwe, sendo três delas inéditas, em grande formato e em tecido. Observamos nas linhas delicadas uma expressão figurativa que extrai o essencial da forma, chegando ao ponto de não ser facilmente identificável. Para o olhar não familiarizado, as formas aparentam ser simplesmente geométricas, como em *Kopina mipe/Vespeiro*, em que pequenos círculos pintados em preto e vermelho formam agrupamentos horizontais, ou em *Mishimishima tahiya/Arbusto da floresta tropical*, em que seis elementos verticais concêntricos e assimétricos representam uma espécie de folhagem. A síntese e o minimalismo do desenho refletem uma relação íntima com os elementos vegetais e animais retratados. Os títulos dos trabalhos também sinalizam a conexão entre artista e *Uriji* (a selva): *Hareremi kaweiki/Barba de inseto*, *Warimahi akataju/Meia árvore de Ceiba*, *Wakari/Fruta doce da floresta tropical*.

As pinturas em tecido da série *Uriji theri* dão nome à exposição e retratam, como nos outros desenhos, elementos da selva. Há porém uma diferença original na composição – observamos uma sobreposição dos elementos. Na pintura *Sem Título II*, vemos no plano de fundo árvores com folhagens coloridas (verde, amarelo e roxo). No primeiro plano, o artista acrescenta formas geométricas como linhas em espiral, pontos negros e amarelos. Na outra pintura da série, vemos o oposto – árvores semelhantes são acrescentadas sobre linhas e formas em vermelho (uma delas semelhante a um vulcão ou mais próximo da realidade amazônica, um cupinzeiro). A terceira pintura em tecido em mostra na exposição, *Seiseimi kona/Cantar como as cigarras*, também é composta de sobreposições, mas nas cores preto e rosa. Identificamos representações de ramagens e outros elementos vegetais em preto e, novamente, linhas e pontos soltos sobre o desenho.

Lembro de quando fui na floresta amazônica pela primeira vez e da impressão que me causou estar diante do que nomearia de “imensidão caótica do vivo” e por isso compartilho da abordagem do artista quando ele declara que a “selva é uma comunidade em si”. Os desenhos de Hakihiiwe são fascinantes, vemos nas linhas e pontos mínimos a coreografia da comunidade-selva de um ponto de vista ancestral (é bom lembrar que a tribo yanomami é uma civilização milenar). O movimento energético do desenho teorizada por Kandinsky manifesta-se aqui como um belo exemplo, mas isto sou eu a estetizar o que é mágico.

A exposição *Urihi theri* estará aberta ao público na [Kunsthalle Lissabon](#), em Lisboa, até 5 de junho.

[Roda Viva | Ailton Krenak | 19/04/2021](#)

[Fogo Cruzado LIVE: Como expor arte indígena?](#)

Maíra Botelho escreve em PT/BR.

JUNHO 4, 2021

f t g+ in t p vk

ARTE , LISBOA

ARTIGOS RELACIONADOS

Jacuzzi, de Manuel Solano, na Kunsthalle Lissabon	Entrevista a Hugo Ganhão: 4500 – Ensaio Fotográfico	A Third Reason e Clavier à Lumières: Alexandre Estrela e Igor Jesus na Rialto6
Novembro 3, 2021	Novembro 3, 2021	Novembro 3, 2021

← ARTIGO ANTERIOR	PRÓXIMO ARTIGO >
Mapa para as estrelas: Do Inesgotável, uma exposição de Pedro Calhau	O que teriam ouvido se estivessem calados, do Menino da Mãe

MAÍRA BOTELHO

Maíra Botelho (1991, Brasil) tem uma formação multidisciplinar dentro dos campos da comunicação visual, artes plásticas, filosofia e performance. Atuou profissionalmente como designer gráfica no Brasil após se licenciar na PUC-MG, tendo ainda estudado Artes Plásticas na Escola Guignard - UEMG e na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Recentemente concluiu uma Pós-Graduação em Estética - Filosofia na Nova Universidade de Lisboa.



FÁBRICA BRAÇO DE PRATA



Rubricas

5 SUGESTÕES CULTURAIS

URL STORIES

POV:

RESPOSTA ABERTA

THROUGH THE KEYHOLE

Último número



COMPRAR

NUM. ANTERIORES

Subscrever

Primeiro Nome

Apelido

Email

- Subscrever a Newsletter (versão PT)!
- Aceito a [Política de Privacidade](#)

Ich bin kein Roboter.

reCAPTCHA
Datenschutzerklärung - Nutzungsbedingungen

SUBSCREVER



Sheroanawe Hakihiiwe, *Urihi theri*, 2021. © Bruno Lopes.

ART & CULTURE

Urihi theri: Sheroanawe Hakihiiwe at Kunsthalle Lissabon

by Maira Botelho

After visiting the exhibition *Urihi theri*, by the Yanomami artist Sheroanawe Hakihiiwe, a big question arises: how to approach indigenous art? It is not like criticising an artist from a nation-state, European or South American. The different worldview creates a cognitive abyss to be acknowledged and mentioned in order to avoid the threat of exoticism and the projection of colonising aesthetic paradigms. My concern is clearly marked by ways of valuing “from white people”, since the way I recognise and value an art object is not the same as that of Amerindians. Therefore, I believe it is necessary to listen and to imagine in order to approach a body of work that comprises the aesthetic realm and others: economic, social, religious, and political. Hakihiiwe shows this in a [video](#) for Para Site, a contemporary art space in Hong Kong:

“In my jungle community, the women make and paint the baskets and the men make and paint the arrows. We celebrate and dance as we paint our bodies with natural pigments derived from plants and animals. We paint our bodies with lines, dots, animals, worms, butterflies, and other insect designs. Adults and children paint their bodies and that makes us happy. The work I do on these papers is closely related to the whole universe I know from Uriji (the jungle), which I encounter when I go into the jungle accompanied by people from the community and family. [...] I also know the animals and plants, their tracks and how they move in the jungle. The Shapori (shaman) speaks to me and tells me how things are. The animals speak through the shamans. The spirit helps us. This is particularly important. My mother taught me a lot about our customs and culture. I think about all that I have heard and experienced. I make my work based on that knowledge and experience.”

This confession by the artist helps us to create an image about ways of living and sense-making different from those of our society, allowing us to appreciate his paintings with a dilated eye. The exhibition *Urihi theri* (the place of the jungle), at Kunsthalle Lissabon, features ten paintings by Hakihiiwe, three of them previously unseen, in large format and on fabric. In the delicate lines, we find a figurative expression that extracts the essential out of the form, making it even difficult to identify. To the unaccustomed, the forms seem simply geometric, as in *Kopina mipe/Vespeira*, where small circles painted in black and red form horizontal groupings; or in *Mishimishima tahiya/Arbusto da floresta tropical*, where six concentric and asymmetric vertical elements form a kind of foliage. The synthesis and minimalism of the drawing reflect an intimate relationship with the plant elements and animals depicted. The titles of the works also show the connection between the artist and Uriji (the jungle): *Hareremi kaweiki/Barba de inseto*, *Warimahi akataju/Meia árvore de Ceiba*, *Wakari/Fruta doce da floresta tropical*.

The fabric paintings in the *Uriji theri* series lend their name to the exhibition and depict, like other drawings, elements of the jungle. But there is an original difference in the composition – we see an overlapping of the elements. In the painting *Sem Título II*, we spot in the background trees with coloured foliage (green, yellow and purple), while in the foreground the artist adds geometric shapes, such as spiral lines, black and yellow dots. In the other painting of the series, we see the opposite – similar trees are added over lines and shapes in red (one of them resembling a volcano or closer to the Amazon reality, a termite mound). The third fabric painting in the exhibition, *Seiseimi kona/Cantar como as cigarras*, is also composed of overlays of black and pink. We identify depictions of branches and other plant elements in black and, again, loose lines and dots over the drawing.

I remember when I first visited the Amazon rainforest, how I felt standing in front of what I would describe as “chaotic immensity of the living”. I agree with the artist’s position when he states that the “jungle is a community in itself”. Hakihiiwe’s drawings are fascinating, we find in the minimal lines and dots the choreography of the jungle-community from an ancestral point of view (it is important to remember that the Yanomami tribe is an ancient civilization). The energetic movement of drawing theorized by Kandinsky appears here as a beautiful example, but this is just me aestheticizing the magical.

The exhibition *Urihi theri* will be on view at [Kunsthalle Lissabon](#), in Lisbon, until June 5th.

[Roda Viva | Ailton Krenak | 19/04/2021](#)

[Fogo Cruzado LIVE: Como expor arte indígena?](#)

JUNE 4, 2021

f t s+ in t p vk

ART , LISBON

RELATED POSTS



Jacuzzi by Manuel Solano, at Kunsthalle Lissabon
November 3, 2021

Interview with Hugo Ganhão: 4500 – Photographic Essay
November 3, 2021

A Third Reason and Clavier à Lumières: Alexandre Estrela and Igor Jesus at Rialto6
November 3, 2021

PREVIOUS POST
Map to the stars: Do Inesgotável, an exhibition by Pedro Calhau

NEXT POST
O que teriam ouvido se estivessem calados, by Menino da Mãe

MAÍRA BOTELHO

Maira Botelho (1991, Brazil) has a multidisciplinary education within the fields of visual communication, arts, philosophy and performance. She worked as a graphic designer in Brazil after graduating at PUC-MG, having also studied arts at Escola Guignard – UEMG and at Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. She recently finished a Post-graduation in Aesthetics – Philosophy at Nova Universidade de Lisboa.

Rubrics

5 CULTURAL SUGGESTIONS

IRL STORIES

POV:

THE OPENING RESPONSE

THROUGH THE KEYHOLE

Last issue

UMBIGO
#78
1 magazine
2 covers
2 editions
(pt/en)

BUY PREV. EDITIONS

Subscribe

First Name

Last Name

Email

- Subscribe to the Newsletter (EN Version)!
- I accept the [Privacy Policy](#)

Ich bin kein Roboter. reCAPTCHA Datenschutzerklärung - Nutzungsbedingungen

SUBSCRIBE